

JOVENS E ESTRUTURAS SOCIAIS VIOLENTAS EM LONDRINA (PARANÁ-BRASIL): SUBSÍDIOS À DISCUSSÃO DA SAÚDE PÚBLICA

YOUNG PEOPLE AND VIOLENT SOCIAL STRUCTURES IN LONDRINA (PARANÁ BRAZIL): SUPPORT THE DISCUSSION OF PUBLIC HEALTH

Marcia Siqueira de Carvalho

Depto. Geociências, UEL - BRASIL

marciasiqueira1953@hotmail.com

RESUMO

Determinados processos sociais subsidiam a compreensão dos fenômenos territorializados no âmbito da violência que repercutem na Saúde Pública. Fatores macro, meso e micro sociais foram identificados, assim como escalas espaciais pertinentes às atividades do mercado do tráfico de drogas. A parte empírica foi desenvolvida utilizando pesquisas e dados relativos às mortes, internações hospitalares, o número e distribuição espacial de delitos e valores culturais entre jovens na cidade de Londrina (Paraná – Brasil).

Palavras-chave: Violência Urbana, Londrina, Geografia da Saúde.

ABSTRACT

Some social processes subsidize the understanding of the territorialized phenomena in the scope of the violence that re-echo on Public Health. Macro, meso and micro social factors had been identified, as well as space scales pertinent to the activities of the market of the traffic of drugs. The empirical part was developed using research and data on deaths, hospital admissions, the number and spatial distribution of crime and cultural values among youth in the city of Londrina (Parana – Brazil)

Keyword: Urban violence, Londrina, Health Geography.

INTRODUÇÃO

Os processos sociais estão na base para a compreensão do espaço geográfico,. Cabe geógrafo entendê-lo através de diversas categorias espaciais, escalas de suas ocorrências, a inter-relação entre elas, e as suas diversas temporalidades. As relações violentas reveladas nos dados da Saúde Pública em Londrina foram analisadas a partir do significado de território e das estruturas sociais.

Souza (1996) em seus estudos sobre a violência na cidade do Rio de Janeiro definiu território a partir do aspecto político como um campo de forças e de relações de poder delimitadas no espaço, quando seu objeto de pesquisa foi os impactos sócio-espaciais do tráfico de drogas nas cidades brasileiras (SOUZA, 2008, p. 15). Resulta dos seus trabalhos realizados na década de 1990 o termo territorialização inserido no processo de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial, com o nosso entendimento de ser o processo e resultado da extensão do poder político do tráfico de drogas sobre os espaços das favelas: “a *territorialização de favelas por parte do tráfico de droga*”, embora não o único (SOUZA, s/d. p.5). A concepção de território como um campo de forças e de relações de poder permite pensar uma territorialização da violência sobre os jovens que cria uma área física onde existem distintos níveis de fatores sociológicos relacionados à violência.

Recebido em:06/12/2010

Aceito para publicação em: 30/06/2011

Estruturas sociais da violência

Há importantes contribuições da Sociologia para compreensão do fenômeno da violência. Entre elas a discussão da estrutura sociológica tridimensional desse fenômeno, com diferentes níveis de explicação (BRICEÑO-LEÓN, 2005, p. 1633-40), a exemplo do que vem realizando um grupo de pesquisadores venezuelanos participantes do Laboratório de Ciências Sociais - LACSO. De acordo com Briceño-León (2005)¹, a primeira estrutura abrange o processo social mais geral (macro) e sua temporalidade é mais longa. Nela se encontram os fatores que atingem a sociedade como um todo, cujos resultados são difusos e generalizados. Dificilmente se poderá fazer uma associação imediata com o comportamento violento, não sendo determinante no sentido de que a violência obrigatoriamente deverá acontecer, mas deve ser considerada como “primeira causa” e conjunto de circunstâncias que são mais difíceis de serem modificadas. Nessa estrutura estão presentes as discussões sobre a desigualdade de oportunidades entre as pessoas que moram nas cidades, a distribuição desigual de renda que escreve no espaço urbano os espaços da exclusão e que concentram ao mesmo tempo maior riqueza e maior pobreza.

Também é nessa esfera que ocorreram as relações entre emprego (e desemprego) e escolaridade (e evasão escolar), embora não obrigatoriamente haja mais emprego a partir de maiores taxas de escolarização (leiam-se matrículas). O desemprego atinge os jovens, em especial os do sexo masculino e a diferença existente entre as vagas no ensino fundamental e no médio é uma variável a ser considerada, pois fora da escola e sem emprego eles ficam mais expostos aos ambientes violentos.

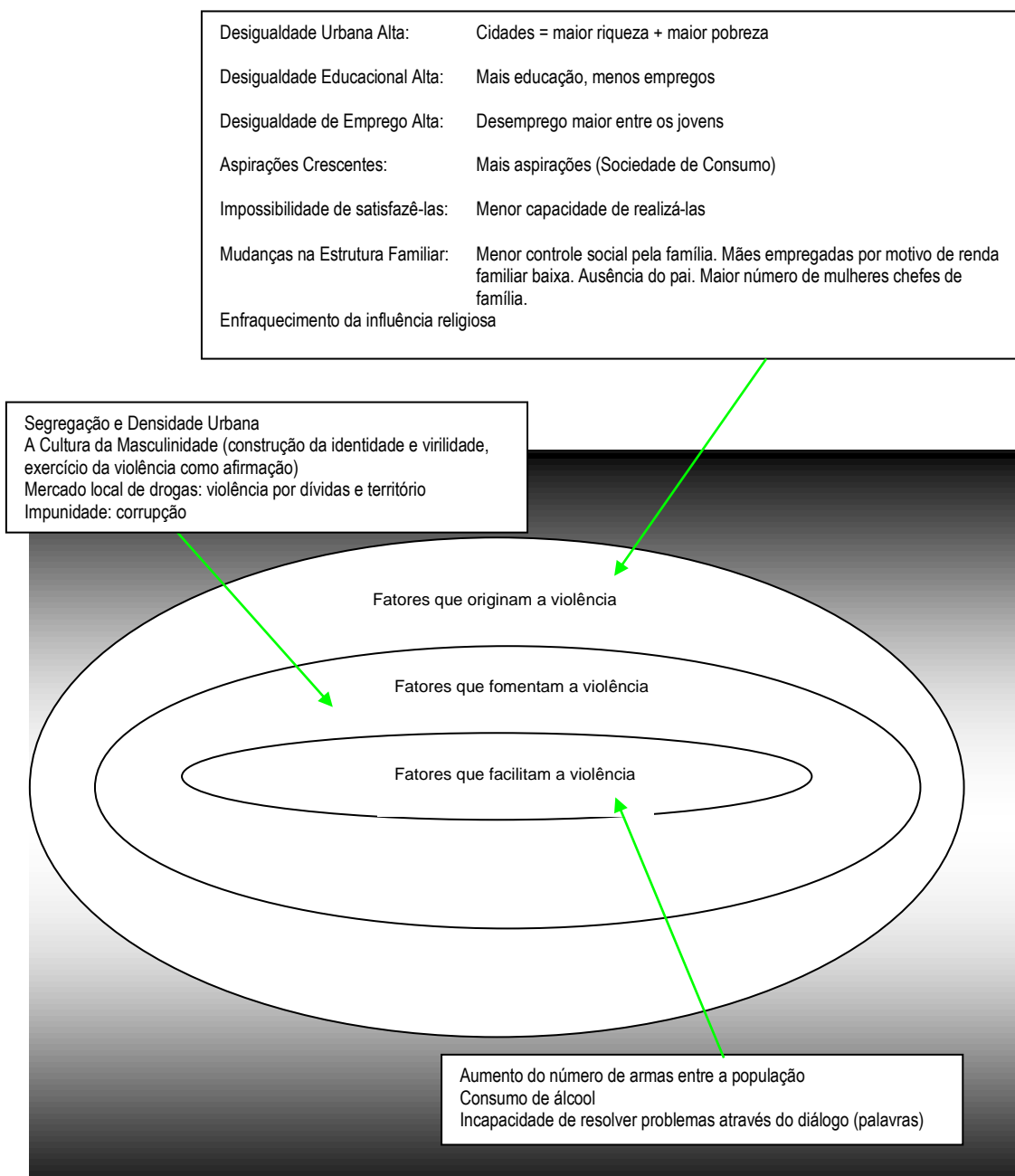
Eles têm os mesmos desejos de consumo de outros adolescentes, embora não tenham condições de realizá-los. O controle social exercido pela família ou pela religião tem sido substituído pelas aspirações da sociedade de consumo, num contexto em que o papel socializador da mãe e a autoridade do pai vêm perdendo a importância nas famílias mononucleares ou que perderam a figura paterna². O enfraquecimento da religião deve ser visto como o afastamento do cumprimento de regras próprias da não violência (não roubarás, não matarás), apesar da religiosidade não impedir seus seguidores de sofrerem a violência. Pesquisas que têm como objeto esse nível estrutural poderão fazer associações bastante gerais, não dando conta das especificidades, em explicar porque alguns e não todos.

Ainda de acordo com o autor supracitado, o segundo nível abarca aspectos meso-sociais os quais envolvem a cultura e a situação (características relativas à qualidade do espaço geográfico) que influem sobre o comportamento dos indivíduos e comunidades, fomentando a violência cuja modificação é mais fácil do que a estrutura anterior. É nesse nível que cabe a discussão dos territórios ocupados (ou dominados) por relações sociais de violência, como os do mercado do tráfico de drogas ou de milícias ou para-militares. Ainda, a queda nas rendas das famílias dificulta a reforma das residências ou sua manutenção, além da limitação do espaço físico dos terrenos à medida que a família se multiplica com os casamentos e a vinda dos netos, o que provoca o crescimento vertical das habitações.

Lugares densamente povoados e precariedade de infra-estrutura, somados à violência perdem valor no mercado imobiliário, reforçando o estabelecimento de novos habitantes igualmente ou mais pobres. Favelas, com becos e vielas, assim como o fator topográfico (morros), parecem ser mais facilmente controláveis por grupos criminosos e a defesa do terreno mais fácil à ação da polícia. *Barrios* da Caracas venezuelana (BRICEÑO-LEÓN, 2005, p. 1640) e favelas cariocas podem ser exemplos dessa especificidade do espaço geográfico. Os números desiguais quanto ao gênero quando se trata das mortes de jovens leva os sociólogos a incluir em seus estudos a cultura da masculinidade e da virilidade. Atitudes que evitam o conflito são tidas como atitudes femininas, numa sociedade machista na qual os adolescentes passam por uma fase de identificação e definição de papéis.

O terceiro nível diz respeito aos fatores micro-sociais (facilitadores da violência) característicos da natureza mais individual e que devem ser considerados como associações do que causalidades. Neste nível pelo menos duas campanhas vêm sendo desenvolvidas, em relação ao recolhimento de armas de fogo e restrição às bebidas aos motoristas. Também podem ser destacadas as leis aprovadas por câmaras municipais de algumas cidades sobre o fechamento dos bares a partir de

determinado horário à noite. O terceiro fator diz respeito à incapacidade de resolver problemas através das palavras, o que gera respostas violentas e agressivas (Figura 1).



Organizado por: Carvalho, M. S. a partir de Briceño-León (2005).

Figura 1. A estrutura sociológica dos níveis de violência.

A exposição aos riscos acaba se tornando uma espécie de ritual de masculinidade, exacerbada nos ambientes violentos em ritual de passagem da infância à fase adulta. Embora ficção, um menino que afirmava ser adulto porque já havia matado numa cena do filme Cidade de Deus, representa a imagem desse rito no tráfico de drogas. A violência também está associada em conseguir o respeito dos demais num ambiente em que jovens pobres desempregados têm poucas chances de usufruir da sociedade de consumo. O mercado de drogas é essencialmente violento porque o pagamento dos pequenos traficantes é feito sem demora. Caso o consumidor ou o pequeno traficante faça dívidas, há a execução. Além disso, diante do crescimento de consumidores ocorre a disputa pelo território ou sua ampliação, levando às brigas entre grupos (gangues) de diferentes traficantes. A corrupção é outro fator que fomenta a violência em

especial quando parcelas do Estado que deveriam impedir o crime acaba fazendo parte dele, extorquindo, fornecendo armas ou facilitando fugas. A estrutura criminoso ao apoiar financeiramente e juridicamente seus *empregados* ocupa o vácuo do Estado e da família, criando uma rede social que protege a quem lhe protege e que mata quem não lhe acata. Bailes funks no Rio de Janeiro podem ser entendidos como uma forma de *marcar presença* territorial ao oferecer festas e locais de promoção de determinado traficante. O mercado do tráfico de drogas é essencialmente territorial, com características *sui generis*: oferece regras de comportamento nas áreas onde domina (favelas, morros) aplicando uma justiça violenta aos transgressores (ladrões, estupradores, etc.) e controladora do tempo dos moradores (toque de recolher) e do lugar (proibição de freqüentar locais de outros traficantes).

METODOLOGIA UTILIZADA

O artigo resulta de pesquisa em curso sobre tema da violência urbana que demandou levantamento bibliográfico e leitura seguida de análise conceitual e de estudo de casos. Foram utilizados dados coletados em documentos variados, como notícias publicadas em jornais, relatórios de pesquisas, dissertações, artigos e livros publicados e dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Embora não presente no texto foi construída com a utilização de imagem de satélite a identificação de alguns territórios onde o tráfico de drogas e a violência ficaram superpostos na cidade de Londrina. A parte empírica constou de identificação de locais onde houve ferimentos por armas de fogo, número de mortes e média de dias de internação hospitalar por ferimentos provocados por armas de fogo no município de Londrina. Alguns resultados dessas reflexões dos âmbitos sociológicos e geográficos já foram apresentados em eventos científicos.

A violência do tráfico e os jovens em Londrina

As redes do tráfico de drogas se estruturam em três escalas espaciais - planetária, metropolitana e intra-urbana (SOUZA, 2002, p. 438). Londrina se insere na rota do tráfico internacional como ponto de passagem e local importante na distribuição e processamento de drogas. A proximidade da região das Três Fronteiras (Brasil, Argentina e Paraguai), em especial os locais atravessados por redes de contrabando, tem contribuído para que a cidade fosse considerada um importante centro de processamento e trânsito de drogas (MACHADO, 2003; GRUPO, 2002) na região da bacia dos rios Paraná, Paraguai com destino à cidade de São Paulo. As sucessivas apreensões mostram ramificações e ampliação do consumo na região metropolitana e na cidade.

Londrina está inserida na região metropolitana de Londrina (PARANÁ, 2008) criada em 1998. A RML³ é formada pelos municípios de Bela Vista do Paraíso, Cambé, Ibiporã, Jataizinho, Londrina, Rolândia, Sertãozinho e Tamarana, divisão é administrativa. Existem relações nos mais variados níveis que caracterizam os fluxos, hierarquias e influências entre seus municípios. Fluxos de pessoas, veículos e mercadorias e o crescimento da cidade têm sido acompanhados de novos bairros nas áreas contíguas dos municípios limítrofes. Daí entendermos que o fenômeno de mortes violentas entre os jovens ligados ao tráfico se apresenta no município vizinho de Cambé (CARVALHO, 2008).

A população londrinense é majoritariamente urbana e a ampliação da área urbana se caracteriza pela formação do centro a partir da década de 1930, crescendo na direção norte na década de 1970 pela construção de conjuntos habitacionais com vazios intermediários. Na década de 1980 a crescente verticalização elegeu a região central e mais recentemente há a ocupação por condomínios verticais e horizontais na direção sul. A construção de conjuntos habitacionais na década de 1970 coincidiu com a erradicação de algumas favelas, e as ocupações irregulares mais antigas receberam infra-estrutura na década de 1980 e 1990. Apesar disso, no cenário atual da cidade há novas ocupações irregulares nos fundos de vale e são estes os locais mais vulneráveis à violência (CARVALHO e ZEQUIM, 2005).

Priorizamos a estrutura dos fatores que fomentam a violência, e neles aquela proveniente do mercado local do tráfico de drogas por dívidas e disputas territoriais revelados nas mortes e internações hospitalares por ferimentos por armas de fogo do Sistema de Informações Hospitalares do SUS. Essas mortes por faixas etárias atestam o ambiente violento dos jovens no município de Londrina (Quadro 1). Os totais diminuíram após o clímax no ano de 2003, mas eles nunca retornaram aos valores de 1999, e tem crescido a participação dos jovens com idade inferior a 29 anos. Os atendimentos por ferimentos causados por armas de fogo feitos

pelo Serviço Integrado de Atendimento ao Trauma e Emergência (SIATE) referentes ao ano de 2008 na cidade de Londrina (CARVALHO, 2011) coincidiu com locais violentos e de tráfico de drogas. O atendimento pelo SIATE é a principal porta de entrada no atendimento público de saúde por agressões e acidentes de transportes. Embora não seja verdadeiro que todas elas estejam associadas ao tráfico, o crescimento das mortes de jovens entre 10 e 14 anos em 2007 indicou um resultado assustador. Isso provavelmente está relacionado à preferência dos traficantes por faixas etárias mais jovens na rede intra-urbana, como consumidores e agentes de vinganças por dívidas e disputas territoriais em pontos de venda de drogas nos bairros mais pobres.

Os jovens com menos de 30 anos foram majoritários nas mortes provocadas por armas de fogo, o que causa um forte impacto na estrutura etária e na Saúde Pública (anos potenciais de vida perdidos). Essa perda é ainda maior ao se considerar que eles também predominam nas mortes em acidentes de transportes no município, principalmente os que envolvem automóveis e motocicletas.

Quadro 1

Londrina - Óbitos por agressão por arma de fogo² por faixa etária 1999 a 2007

Ano/Faixa	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 anos e mais	Ignorado	Total
1999	0	0	4	15	5	4	6	0	34
2000	0	0	4	23	16	5	3	0	51
2001	0	1	24	34	17	3	7	0	86
2002	0	5	36	57	17	9	3	0	127
2003	0	4	44	69	28	9	6	0	160
2004	0	5	54	64	18	3	5	0	149
2005	0	3	36	50	16	7	2	0	114
2006	0	5	31	52	20	13	5	2	126
2007	1	30	30	28	20	10	4	0	123
Total	1	53	263	392	157	63	41	2	970

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

Entre 1999 e 2007 houve 595 internações hospitalares por ferimentos de armas de fogo dos quais 78,7% foram de pacientes com menos de 30 anos de idade. Outro impacto se refere aos dias de internação em hospitais por agressões de armas de fogo. Além da alteração do ritmo no atendimento pela emergência, os baleados disputam a ocupação congestionada de leitos com os acidentados de transportes. A média de dias de internação por agressão por arma de fogo em Londrina tem variado entre 5 a 8,5 dias e há pouca diferença ao compararmos a média de todas as faixas etárias com aquela circunscrita aos pacientes de 10 até 29 anos (Figura 2).

Quem são esses jovens? O mapeamento das ocorrências de infrações cometidas por crianças e adolescentes na cidade de Londrina entre 1999 e 2004 (MARCHETTI e ARCHELA, 2007) a partir de dados fornecidos pelo Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator (CIAADI) revelou números crescentes (176 em 1999 para 470 em 2004), ampliação da área onde elas ocorreram e o delineamento do centro da cidade como área principal. Um levantamento junto aos menores infratores (CIAADI) revelou uma associação muito forte entre a ação de atos ilícitos e o consumo de drogas, sendo que esses jovens compõem o quadro dos assassinados na cidade (LINHARES, 2007). Majoritariamente esses atos violentos ocorrem em áreas públicas dos quais as crianças e jovens ao mesmo tempo praticam e sofrem.

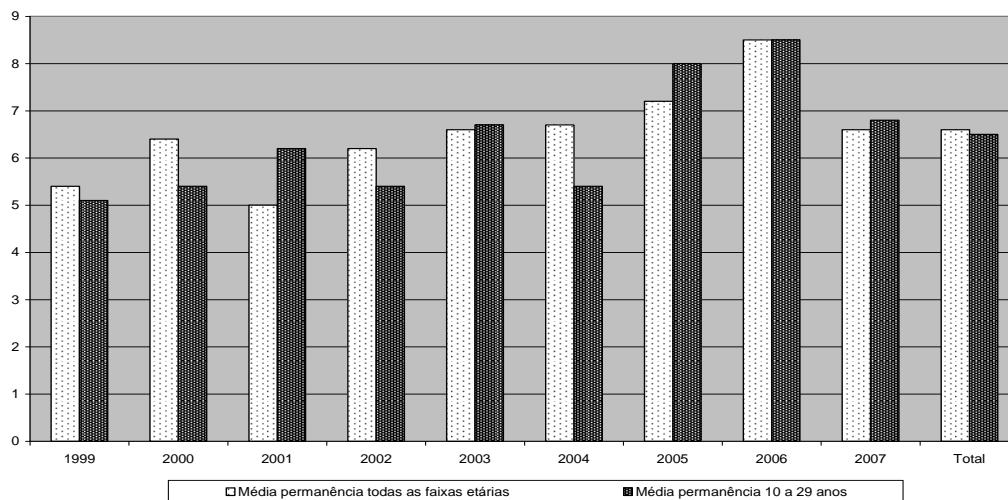
O espaço das escolas públicas da cidade também se mostrou uma zona de conflitos que desafia a atividade pedagógica. Furto de equipamentos, brigas entre alunos, presença de armas em sala de aula, rixas dentro ou nas proximidades das escolas de ensino fundamental e

² Categoria CID10: X93 Agressão disparo de arma de fogo de mão, X94 Agressão disparo arma fogo de maior calibre, X95 Agressão disparo outra arma de fogo ou NE.

médio indicam relações sociais violentas além dos locais de venda nas favelas e assentamentos urbanos. Os resultados de pesquisa realizada entre os menores infratores destacaram um círculo vicioso. No universo de 109 entrevistados entre 12 e 19 anos predominou a escolaridade baixa (só o ensino fundamental) e entre os motivos do abandono escolar estavam “por causa do crime” e a perda da vontade de estudar. O principal motivo citado para o ingresso no tráfico de drogas foi o “jeito mais fácil de conseguir dinheiro”. Movidos pelo desejo de consumo (60,65%), baixa escolaridade e desestímulo para a retomada dos estudos, esses jovens não acreditam que viverão por muito tempo (SANTOS, 2008).

Figura 2

Londrina: Média de dias de permanência hospitalar por agressões por armas de fogo: 1999 a 2007



Fonte:Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

A reunião dos motivos apresentados coincide com os fatores apontados por BRICEÑO-LEÓN, (2005). Entre os que originam a violência estão as aspirações crescentes na sociedade de consumo e a incapacidade de realizá-las em curto prazo. Entre os fatores que fomentam a violência as dívidas, a disputa territorial no mercado local de drogas, a afirmação da virilidade e construção da identidade na cultura da masculinidade. A identificação geográfica de um território violento e as redes nas quais ele está inserido permitem constatar a violência para compreendermos o ambiente destas estatísticas são necessárias pesquisas qualitativas e interdisciplinares nas análises da violência como objeto de estudo na Saúde Pública e nas propostas de Políticas Públicas para os jovens.

CONCLUSÃO

As perspectivas para os jovens inseridos no território geográfico e social violento não resultam somente de suas aspirações, desemprego, abandono da escola e desejos de consumo e as políticas públicas praticadas no município não têm sido suficientes para modificar o perfil de mortes por armas de fogo cujo crescimento atingiu crianças (10 a 14 anos) no ano de 2007. Ao mesmo tempo em que são introduzidas drogas mais baratas e viciantes são poucas as clínicas de reabilitação. Esse resultado decorre da violência do mercado local de drogas que cria um micro território como campo de forças e relações de poder, um entre os vários fatores da estrutura sociológica complexa. Dentre elas as motivações econômicas e sociais comuns à juventude que convive com valores e objetos globalizados (como o desejo por roupas e tênis de grife) resultam mortais em alguns casos se associadas às redes de tráfico. Estas redes dominam territórios desde os campos de plantio a cadeia de beneficiamento e produção final, conectam no espaço geográfico países e fronteiras até chegarem à rede de varejo do tráfico da cidade.

Sendo um fenômeno interdisciplinar, internacional e que envolve várias estruturas sociais, a violência sobre os jovens repercute de modo diferente nos espaços dos bairros. Nas ruas,

praças e escolas podem-se identificar várias associações de diferentes níveis das estruturas sociológicas, como a formação de gangues no processo de formação de identidade e virilidade e o mercado local de drogas (fomentadores da violência). O comportamento e as regras violentas da territorialidade do mercado do tráfico potencializam a incapacidade de resolver conflitos pelo diálogo, citado entre os fatores facilitadores da violência, que deveria ter o seu locus de aprendizado no ambiente familiar. Como isso não vem acontecendo, as dificuldades também não estão sendo resolvidas no exercício cotidiano do ambiente escolar. Na estrutura sociológica mais geral, entre os fatores que originam a violência, os valores culturais (desejos de consumo e a incapacidade de realizá-los) têm uma relação destacada com a questão escolar.

Os grupos ilícitos sediados fora da cidade, tendo como metas os consumidores, ampliam seus negócios na escala intra-urbana, formando e adensando as redes de distribuição entre os jovens, construindo territórios próprios. As aspirações e desejos de consumo dos jovens, as dívidas e o sentimento de pertencimento ao grupo como pré-condição de status traz uma contradição perversa. Para o jovem entram em jogo status e poder econômico numa sociedade em que ele ocupa o lugar desprestigiado por não ter rendimentos (desemprego ou emprego com baixa remuneração) ou reconhecimento social. Quanto mais fácil for a possibilidade de ampliação do tráfico, seja pela debilidade de controle de fronteiras, seja pelo grau de corrupção policial, ele buscará entre os jovens desempregados os futuros pequenos traficantes e entre os jovens com renda os prováveis consumidores, ambos potencialmente no âmbito da violência.

Notas

¹ A estrutura tem três dimensões, representando três níveis distintos de explicação:

a) o nível estrutural se refere a um processo social de natureza de macro e apresenta uma gênese e persistência durante um período mais longo de tempo. Neste nível são referenciados os fatores que originam a violência a partir do caráter estrutural que tem uma influência na sociedade como um todo, proporcionando efeitos generalizados e difusos. Não é fácil identificar associações imediatas com as variáveis deste nível, mas determina uma transformação na sociedade que cria a base para o comportamento violento, mas não determina isso que isso necessariamente irá acontecer. Devido às suas características, estas circunstâncias são mais difíceis de serem modificadas, mas talvez por esta mesma razão sejam mais importantes como primeiras causas.

b) o segundo nível contém os aspectos meso-sociais, com raízes menos estruturais, representando assim a área onde a situação e cultura têm um efeito mais imediato sobre comportamento. Neste nível nos referimos aos fatores que fomentam a violência. Fatores deste nível podem encorajar e facilitar a violência, mas modificá-lo é mais simples que o anterior. O nível da liberdade dos indivíduos em relação a estes fatores é muito maior que no caso anterior.

c) o terceiro nível inclui fatores micro-sociais que nós também podemos chamar de facilitadores porque têm uma natureza mais individual e não podem ser considerados como causas, mas acompanham bastante os fatores e facilitadores para a passagem ao ato violento ou como responsável para uma ação letal. As conexões aqui são mais imediatas e as associações são mais fáceis de serem estabelecidas, porém eles indicam muito mais a associação do que a causalidade. (Briceño-León, 2005, p. 1633-40).

² Crescentemente as famílias brasileiras vêm sendo chefiadas por mães trabalhadoras, cujos filhos se afastam das escolas e têm dificuldades em encontrar emprego no trabalho formal.

³ Ver em < <http://www.pr.gov.br/sedu/comel/municcomel.html>>

REFERÊNCIAS

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Urban violence and public health in Latin America: a sociological explanatory framework. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(6):1629-1664, nov-dez, 2005.

CARVALHO, Márcia Siqueira. Jovens e Violência na cidade de Londrina. Londrina, 2011. 21p.

CARVALHO, Márcia Siqueira. Violência Urbana: breves considerações sobre a cidade de Londrina. **Scripta Nova**. Barcelona. 2008.

CARVALHO, Márcia Siqueira de; ZEQUIM, Maria Angelina. Violência em Londrina: Mapeamento dos homicídios ocorridos na área urbana. In: **Anais** do X ENCONTRO DE

GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo: USP. v. 1. p. 1-25.

GRUPO RETIS. Tráfico de drogas: Bacia Paraná-Paraguai e São Paulo, 2002. On line
<http://acd.ufrj.br/fronteiras/mapas/map068.htm> Acessado em 24/02/2011.

LINHARES, Camila. **Violência urbana e adolescentes em conflito com a lei em Londrina**.
Dissertação de mestrado. Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2007. Londrina. 190p.

MACHADO, Lia Osório. Região, Cidade e Redes Ilegais: Geografias alternativas na Amazônia
Sul-americana. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**.
GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos e GALVÃO, Antonio (organizadores). São
Paulo: UNESP, 2003. p. 695-707.

MARCHETTI, Márcio Catharin e ARCHELA, Rosely Sampaio. **Mapeamento das Infrações
Cometidas Por Crianças e Adolescentes na Cidade de Londrina - PR no Período de 1999
– 2004**. Londrina: 2007. Relatório de Pesquisa. Bolsa PIBIC/CNPq. 14p.

PARANÁ. Coordenação da Região Metropolitana de Londrina. Municípios Oficiais da COMEL. On-
line. Disponível : < <http://www.pr.gov.br/sedu/comel/municcomel.html>>. Acesso em 30/10/2008.

SANTOS, Zilma. Maioria dos 25 homicídios do ano tem ligação com o tráfico. **Jornal de
Londrina**. Londrina. 25/02/2008. p. 4.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Tráfico de drogas e fragmentação do tecido sociopolítico-
espacial no Rio de Janeiro**. Latin America and Caribbean social science virtual library -
CLACSO. S/d. On-line. Disponível:
<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/marce.rtf>> Acesso em 29/04/09.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. et al.
(org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Mudar a cidade**. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 4 ed.
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro:
Bertrand Brasil. 2008.